



V Jornada Brasileira de Sociologia

Desafios, dilemas e oportunidades nas sociedades democráticas

Novembro, 2017, Pelotas/RS

GT 03 – Cidade, tecnologia e controle

**Às margens do São Gonçalo: tecnologias de controle, sociabilidades e (re) arranjos
no Passo dos Negros em Pelotas/RS**

Às margens do São Gonçalo: tecnologias de controle, sociabilidades e (re) arranjos no Passo dos Negros em Pelotas/RS

Ícaro Vasques Inchauspe¹

Resumo: Este texto aborda a situação dos moradores no Passo dos Negros em Pelotas e seus desdobramentos a partir da especulação imobiliária juntamente com as práticas produzidas em sua relação com o Estado como tecnologias de controle do espaço. A partir da configuração atual do Passo dos Negros foi possível identificar as relações de conflito, violência e estratégias utilizadas enquanto ferramentas tanto no discurso do Estado (Prefeitura Municipal de Pelotas) e demais atores (empresas privadas e moradores externos) como controle deste espaço. Por outro lado, o mesmo ocorre com os arranjos criativos a partir de ferramentas e estratégias utilizadas pelos moradores que se configura neste espaço marginalizado às margens do rio São Gonçalo, como formas de resistência. O método de análise deste trabalho se dá por meio da observação participante e entrevistas semi-estruturadas com moradores locais, agentes estatais e externos. Por tanto, o que se coloca como premissa é que são os rearranjos entre estes atores a partir de suas relações que transformam o lugar e modificam o espaço público.

Palavras-chave: cidade; margens; periferia; Passo dos Negros; sociabilidades;

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES). Faz parte do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR). E-mail: icarovasques@gmail.com

1. Introdução

Este texto procura apreender formas de sociabilidade que são configuradas como (re) arranjos no Passo dos Negros em Pelotas/RS, a partir das tecnologias de controle utilizadas pelo Estado – Prefeitura Municipal de Pelotas e demais atores externos produtores de controvérsias ‘silenciosas’ que se espalham no território observado.

De forma a verificar como se colocam estas questões de sociabilidades e arranjos socioculturais que permeiam o território trabalhado num contexto de periferia urbana, onde um grupo de pessoas foram deslocados e juntam-se a moradores mais antigos, ambos deslocados de outras ‘margens’. Neste sentido para pensar em tecnologias de controle sobre estes grupos que representam um ponto marginalizado no senso comum reproduzido pela grande massa por meio de posicionamento ideológico de uma hegemonia aplicado nas instituições estatais de controle da vida, aplicaremos a noção de margens por DAS & POOLE (2008) a partir de três enfoques: a) margens seriam periferias nas quais se abarcaria pessoas que se consideram insuficientemente socializadas nos marcos das leis, e que são constantemente alvo de políticas pedagógicas que visam converter “sujeitos rebeldes” em sujeitos legais do Estado; b) o modo como as leis e seus representantes (agentes estatais) são percebidos pelas pessoas nas margens produz o Estado; c) o exercício do poder soberano não somente sobre territórios, mas também sobre corpos, leis e disciplina que, ao distanciarem-se do que é considerado normal pelo poder estatal assumem característica patológica, ou seja, marginal.

Considerando estes aspectos necessários e presentes do Estado de forma a produzir novos mecanismos de controle (SOILO, 2015) é a principal forma de torna-los legíveis de forma coproduzir novas leituras que precisam ser reconfiguradas mediante suas realidades e especificidades. Por tanto, tomaremos este grupo considerado como pelos meios de controle como margens e como unidade analítica (MAGNANI, 2009) já que emerge nesse diálogo paradoxal e conflituoso diante o contexto apresentado, a finalidade da presente pesquisa é apresentar a subversão de um outro olhar não legível pelo poder estatal (a leitura não oficial), a partir de formas de sociabilidades que os moradores do Passo dos Negros por meio do uso *vernacular* [grifo meu] da cidade (do espaço, dos equipamentos e da instituições) seja em esferas do trabalho, religiosidade,

lazer, cultura e estratégias de sobrevivência, são os responsáveis por sua vida cotidiana (MAGNANI, 2006).

A partir de algumas das observações das práticas locais de vivência dos moradores, foi possível pensar em seus múltiplos e diferentes arranjos criativos e coletivos que atuam e modificam-se a partir de seu cotidiano. O que se pretende ainda neste trabalho é apresentar o Passo dos Negros em aspectos desde a sua importância sociohistórica sobre o território habitado, passando por questões fundiárias que se (re) atualizam e se colocam sempre sob o aspecto de dominância e imposição por meio de dispositivos de controle da vida social do Estado-moderno, até a própria produção de controvérsias sobre estas vidas que se inserem no interstício social abrindo espaços para existências de novas formas de viver a partir das realidades dos moradores que produzem narrativas, rearranjos e sociabilidades diante às margens do São Gonçalo.

2. O Passo dos Negros no contexto histórico

O Passo dos Negros reconhecido pelos seus próprios moradores a partir de um reconhecimento histórico² (Rocha, 2014) pertencente ao antigo polo escravagista feito o desembarque de escravos no Rio Grande, o caminho mais direto para Pelotas era pelo Povo Novo, passando pelo sangradouro da Mirim, o Canal São Gonçalo, e foz do Arroio Pelotas. Esse trânsito de escravos em direção às Charqueadas deu origem ao Passo dos Negros.

O comércio negreiro era o ponto chave deste tempo histórico. Os negros vinham dos mercados centrais do Brasil, sendo trazidos para Rio Grande e de lá, chegavam pelo Passo dos Negros. O Passo dos Negros foi porta de entrada do gado oriundo dos Campos Neutrais e Maldonado, e do negro escravo africano, desembarcado dos navios negreiros na barra do A Coroa, para evitar contrabando, tanto de gado como de negros escravos (considerado mercadoria valiosa), instituiu no conhecido Passo do Neves, um imposto de passagem. O local mudou de nome pela jocosidade popular para Passo Rico em razão do fabuloso rendimento proveniente do fisco.

² Para maiores detalhes sobre a história do passado no Passo dos Negros, ver ROCHA (2014) - "Arqueologia da Escravidão e Patrimônio Cultural no Passo dos Negros (Pelotas, RS)."

Por ali passavam mercadorias como charque, açúcar, sal, erva-mate, gado, escravos. Por esse local transitavam barcos, pequenas canoas ou mesmo, o gado, que era atravessado a nado. Mas não só de contrabando e pedágio essa porta favorecia: também à riqueza local. Por ali, além de um intenso movimento de gado, também o de escravos, que atraía compradores e vendedores desse produto humano. Tão grande a concentração de negros que chegavam e à disposição de compradores espalhavam-se acolherados em levas como tropa em leilão, num desfile macabro de mercadoria em exposição, que o lugar mudou para Passo dos Negros.

O grande movimento e aglomeração humana provocou um número de habitações intensas no período. Pelas margens disseminavam-se casas e capelas; em torno das charqueadas, habitações aumentavam o seu complexo. Em 1820 houve até um plano urbanístico na região do Passo dos Negros, com o desenho de seis quarteirões, com direito até a uma rua da praia. Tudo o que chegava tomava rumo oeste, em direção a estrada do Passo dos Negros. Uma estrada que entrava município a dentro, em meio ao banhado do São Gonçalo, em direção às charqueadas ribeiras e ao Areal. A Tablada "enviava" muitas e muitas tropas de gado diariamente em período de remates e matança. O trânsito constante danificava a cada ano a insipiente estrada, principalmente num baixio, quase à chegada do porto do Passo. Fez-se necessário construir uma ponte sobre o passo do banhado em que muito beneficiou as atividades no porto.

Muito antes de existir Pelotas como cidade, foi o Passo dos Negros o primeiro aldeamento que tivemos na zona do São Gonçalo, precisamente no Passo dos Negros. Com o trabalho escravo gratuito, começou a se erguer a fortuna de vulto da localidade. A concentração de negros em São Francisco de Paula no ano de 1814 era de uma população de 2.275 indivíduos, sendo que 1.226 eram escravos.

3. Latifúndio, território e conflito como ordenamento da vida social

O embate sobre a questão fundiária em Pelotas vem causando um transtorno inimaginável (moral, física, psicológica) às famílias e as pessoas que residem no Passo dos Negros, e a ocupação da Estrada do Engenho, conhecida como Vila Dique. Conforme Liana Coll, jornalista do *Sul 21*, situa em seu texto denominado: “*Estamos sob pressão daqueles podem*”, sobre a situação atual dos moradores do Passo dos Negros, aponta que:

“os moradores receberam uma notificação da Prefeitura Municipal de Pelotas, que os colocam em situação de despejo no período de 60 dias para desocupar o local, sob pena de multa. A ocupação “existe há cerca de três décadas e encontra-se em uma Área de Preservação Permanente (APP), às margens do canal São Gonçalo, que liga a Lagoa Mirim à Laguna dos Patos, residindo um total de 72 famílias, cujo sustento se divide basicamente entre a pesca, a construção naval e a coleta de resíduos sólidos para reciclagem. Havendo assim, um grande e complexo impasse entre o Ministério Público Estadual e a Prefeitura Municipal de Pelotas com ameaças de remoção até o fim do presente ano (COLL, 2017).

O Passo dos Negros era uma região estratégica, com intensa atividade comercial. As águas eram utilizadas para escoamento de produção charqueadora e de outras indústrias. Também serviam de controle das mercadorias que entravam e saíam de Pelotas. Hoje, a zona do Passo é uma área de grande especulação imobiliária. A Estrada do Engenho é uma das menores ocupações existentes no antigo Passo dos Negros e ao longo do Canal São Gonçalo. Contrastando com ela, figuram condomínios de luxo, mansões e o Clube Veleiros. Quase ao lado da ocupação também está o engenho Pedro Osório, antiga propriedade do Coronel de mesmo nome que hoje nomeia a principal Praça do centro da cidade.

O descaso com uma parte emblemática da história de Pelotas, que remete às experiências de negras e negros que viveram sob o regime de escravidão, resultou no apagamento da importância da região. Exemplo disso foi a edificação, nos últimos anos, de um condomínio de luxo, de nome “Lagos de São Gonçalo” em cima do Passo dos Negros. Outros condomínios também estão na área, como o loteamento Parque Una (cujo empreendimento se descreve como localizado “na região de maior potencial de valorização da cidade”). Mas o Ministério Público (MP) apenas entrou com ação para a remoção da comunidade da Estrada do Engenho, uma das poucas ocupações de baixa renda do curso do Canal.

4. Tecnologias de controle de governo e suas controvérsias

A situação para a evacuação destas famílias por parte da Prefeitura Municipal de Pelotas é que estes grupos estão localizados em uma Área de Preservação Permanente (APP): “área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica, a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas.

De acordo com o grande acúmulo de dejetos que possui o lugar, este grupo estaria danificando o espaço ‘preservado’. Estando estes moradores, às margens do canal São Gonçalo, mas também sem infraestrutura mínima de saneamento básico. Isso além de um dispositivo estatal de domínio é também controverso: vislumbra uma política estritamente higienista por meio do poder público visualizando a possibilidade de instaurar uma nova gestão da vida do trabalhador pobre e controlar a totalidade de seus atos, ao reorganizar a fina rede relações cotidianas que se estabelecem no bairro, na vila, e seja em qualquer compartimento da vida social (RAGO, 1985).

Criado então este dispositivo de controle pela Prefeitura Municipal de Pelotas como grande detentora da noção do público/privado, poder e doutrinação dos indivíduos e coletivos, é o de subverter as lógicas socioculturais de moradia numa relação de poder e controle de forma assimétrica, visando estritamente o interesse e a noção de ‘progresso’ impregnado por uma economia neoliberal que retrai a própria responsabilidade do Estado-moderno de garantir os direitos individuais e coletivos, e neste caso específico com a falta de uma política pública para moradia.

Os dispositivos estatais modernos de dominação são criados a partir dos setores de infraestrutura, a falta de esgotos, saneamento básico, eletricidade, passando pelas questões ambientais como preservação do solo, água e espaço geográfico até o novo ordenamento construído por novas opções de moradia privada, como a grande instalação das construtoras que se apoiam neste espaço tomado pela miséria, dando novos significados de progresso a partir de instalações de propriedades de alto valor imobiliário entre eles o próprio *Shopping Pelotas*, o novo condomínio *Lagos de São Gonçalo* e agora por último o projeto chamado *Parque Una* com um projeto urbanístico global como se intitulam em seu projeto: um bairro pensado para as pessoas: ‘um lugar que vai trazer para Pelotas os conceitos, inspirações e vivências do urbanismo global’.

O palco de uma vida mais moderna, segura, prática, leve e prazerosa. Realmente essa vida leve e prazerosa somente pode acontecer com o processo que Rago (1985) em seu texto ‘A desodorização do espaço público’ a partir da limpeza do espaço não só público, mas do privado. Seria a purificação da cidade. Estão sendo construídos neste território, murados, no sentido de dar ‘proteção’ a pobreza, com um fundo do potencial ‘turístico’ por meio de um programa excludente da Prefeitura de traçar uma possível rota de turismo rural até o Laranjal. Afinal, seriam dois pesos e uma medida numa sociedade ‘democrática?’

4.1 Etnografando os interlocutores

O trabalho até o momento foi realizado a partir da observação participante efetuada algumas saídas de campo até o Passo dos Negros, percorrendo dois trajetos territoriais a partir de seus moradores, seu Pedro e seu Aníba (possuindo grau de parentesco de seus familiares na época escravagista de Pelotas) representando o Osório Futebol Clube (Osório F.C) time fundado a partir da existência e funcionalidade do Engenho Coronel Pedro Osório. Quanto a observação de forma geral diante da paisagem, se dá no sentido de produzir ao final dessa observação – ainda em andamento, uma etnografia por sua contribuição teórico-etnográfica (PEIRANO, 2014), resultante destes dados que em outro momento serão abordados e reflexionados em uma produção mais densa.

Os dados (em construção continua) ocorreram por meio da observação participante e foram extraídos a partir da produção dos diários de campo que serviram como referência a partir das narrativas colocadas. Postulando o princípio da abordagem do método-teórico etnográfico entre a “prática etnográfica” e a “experiência etnográfica”: a prática sendo continua e programada e a experiência é imprevista, descontinua (MAGNANI, 2003). Pensando no método de aplicação, uma depende da outra, o que permitirá dar seguimento ao campo e a pesquisa, ou como diria Lévi-Strauss (1976, p.37) o “direito de seguir.”

4.2 Narrativas e sociabilidades

Até o momento, a partir das narrativas colocadas pelos possíveis interlocutores o que se coloca num primeiro momento é que de modo geral as narrativas produzidas pelos grupos são heterogenias, logo seus arranjos coletivos e criativos também são heterogêneos. A partir das narrativas, parte-se da classificação de duas áreas do grupo de moradores do Passo do Negro: a) área de certeza; e b) área de incerteza, embora as duas áreas façam parte da integralidade do todo e aqui perceberemos como suas rotinas são sociabilizadas, encaradas, construídas e configuradas a partir do uso vernacular da cidade.

A área de ‘certeza’ (área A) aqui colocada é onde possui um número maior de moradores, um povoamento maior de habitações, já fazendo parte de um bairro – bairro Areal, conforme assim entende a Prefeitura Municipal de Pelotas. Entrando na relação ‘tecnologias de controle’ o Estado está presente no neste espaço, através de pontos de ônibus, postos de saúde, postos de luz, água encanada e uma série de bens sociais que estão ali presentes na vida das pessoas. De certa forma, talvez não seja um bem ‘eficaz’ para os moradores em sua coletividade, mas é um bem que está ali, controlando e regulando quem

está dentro e quem está fora do jogo. Como diria (SILVA, 2015) o “vazio institucional” está em constante atividade em relação às margens e ambos coproduzem novos arranjos também.

Também onde há estabelecimentos comerciais, e estruturas de moradia provisórias (barracos, casas de madeira entre outros tipos de moradias) e casas já construídas há alguns anos. É o encontro de antigos moradores com novos moradores, que se deslocaram para o Passo dos Negros em busca de ‘melhor qualidade’ de vida a partir de discursos controversos promovidos pela especulação imobiliária e por entes estatais que se apresentam como um dos agentes externos.

Dentro desse grupo, há o clube de futebol chamado Osório Futebol Clube (Osório F.C) promovido como o ‘coração da comunidade’ nas palavras do seu Aníba, atual presidente da entidade e membro há mais de 50 anos, tendo o clube com 83 anos de existência, fundando em 25 de dezembro de 1933, o clube possui Estádio próprio com campo principal. Muito ligado a história do Coronel Pedro Osório e dessa região das charqueadas (Passo dos Negros, Engenho, Lago São Gonçalo) que é historicamente famosa e reconhecida pelo desenvolvimento da pecuária e logo após, o engenho do cascalho, via plantação de arroz.

Voltando ao ‘coração da comunidade’, porque pensar no Osório –carinhosamente como seu Aníba relata, de que forma pensar nesse ‘equipamento’ um meio de sociabilidade e de (re) arranjo coletivo? Pois é a partir dos encontros tanto entre os jovens que tem o sonho em tornar-se jogador de futebol até o encontro em que a periferia é entendida ainda, num senso comum, como um espaço marginalizado (FELTRAN, 2010). É a partir do discurso do seu Aníba que também o Osório pode funcionar como uma via de mão dupla: pensar nas sociabilidades destes jovens e como de resgatá-los de um ‘futuro caminho mal-intencionado’.

Detectar estes encontros e como se comportam nesse espaço de sociabilidade que não apenas envolvam os jovens, mas que envolvam os familiares destes jovens – tema clássico da antropologia (pai, mãe, avós, tio, tia, primos) e também pensar o oposto de como essas ‘famílias’ se constroem socialmente – possível de ser discutido e verificado futuramente, próximos afim de pensar enquanto o Osório um espaço de lazer, de retirada momentânea daquela realidade ou até mesmo de compartilhar as próprias realidades: angustias, alegrias e tristezas.

Além de se consolidar enquanto um espaço de encontro da prática esportiva é também um espaço de encontro da prática da convivência social a partir das festas,

churrascos, e bingos que são promovidas no espaço recreativo do clube, ou seja, a inserção social neste espaço vai além das práticas esportivas, incluindo e estendendo uma faixa etária que agrupa grupos não somente juvenis, mas também adultos. Ou seja, o ‘coração da comunidade’ está pulsando e produzindo novos (re) arranjos que modificam a si mesmos, e entre os outros – ou os que estão de fora e como olham estes acontecimentos.

Agora pensando na área b, em outra forma de arranjo, neste caso mais individual, é o caso do seu Pedro, que trabalha com o recolhimento de objetos descartados na rua, e morador em potencial remoção deste outro espaço de risco, mas que ao contrário dos outros moradores do espaço a, resiste e pensa articuladamente em formas estratégicas de se manter no lugar, e faz desse espaço seu cotidiano que não seria

o ‘ideal’ na concepção de um engenheiro civil, arquiteto ou profissional da área, mas que produz a sua própria engenharia a partir de sua realidade de forma a pensar neste espaço enquanto um lugar para não apenas para morar mas para viver. Assim como seu Aníba, ele também é um morador antigo do Passo dos Negros, e nesse sentido traz a autoridade e a criatividade como formas de habitar e viver no lugar.

Pensando nestes dois exemplos como formas de habitar e viver, mesmo estando às margens, e a forma de sociabilizar, estes se configuram diante de suas especificidades configuram heterogeneamente: através do lazer, espaços de encontros, e também a partir das dinâmicas laborais e de resistência mesmo diante de tecnologias de controle e de governo sobre as mais variadas atividades coletivas, que estão tão naturalizadas no cotidiano que as vezes nem mesmo percebemos sua existência.

5. Considerações finais

A partir de um olhar antropológico neste trabalho sobre controles de governo e gestão da vida a partir do Estado e formas de habitar a cidade, é que nos deparamos que tais dispositivos podem funcionar como uma via de mão dupla: o devir. *O devir de ‘lá’* e *o devir do ‘aqui’*. Práticas de controle e práticas de vida, se diferenciam em determinados espaços experiência. Sobre tudo, uma experiência de dominância e prática higienista que o discurso e a prática burguesa vêm se apropriando desde o século XIX de forma a integrar a cidade nômade – tal qual O Passo dos Negros pode ser visto de quem está ‘de fora’.

Tais recursos que foram e são utilizados até hoje de toda a ordem – políticos, econômicos, urbanísticos, ambientais, etc. Justamente sobre a concepção de um Estado-

cidade moderno se justapõe a partir da disputa de representações que qualificam e desqualificam o espaço público e privado. Este discurso que produz acima, é certamente é o do *‘devir de lá’*.

Agora nessa mão dupla de viveres e saberes, o *‘devir do aqui’* é certamente pensar no vernáculo e nesse contexto – periférico, pampeano, historicamente pecuário, mas que se modifica e vai ao encontro de uma urbanização, onde a partir de um campo de futebol e de um clube recreativo se produzem redes de encontro, práticas esportivas, enquanto um equipamento comunitário de sociabilidade. O vernáculo ainda assim possui uma outra função e outro significado para seu Pedro enquanto em sua realidade

produz um vernáculo laboral, como estratégia de sobrevivência e como manifestação política.

As narrativas que foram apresentadas são relevantes tanto para o ‘antropólogo’ e observador, quanto de reflexão para os moradores produzirem seus sentidos e observar a si mesmo, e seus modos de habitar este lugar seja por meio de uma perspectiva histórica e suas identidades lá produzidas e resignificadas em seus atuais modos de vida, seja por especificidades atuais de sobrevivência.

Se este local foi ‘reconhecido’ no passado por motivos econômicos, agora deve ser reconhecido para outras continuidades e ressignificações que foram dadas a comunidade que ali habitam e que ali produzem seus sentidos de vida. Formulando novos arranjos de vida social a partir do contexto que se transforma o espaço. Estar às margens é estar em constante encontro com o centro e coproduzir a partir de ambos os movimentos. Não é estar significado, é estar significante. É inventar-se o tempo inteiro.

6. Referências Bibliográficas

COLL, L. **Estamos sob pressão daqueles que podem': Em Pelotas, comunidade sofre ameaça de remoção.** *Sul* 21, 12 set 2017. Cidade. Capa, p, 1.

DAS, V; POOLE, D. **El estado y sus márgenes: etnografías comparadas.** In: Cuadernos de Antropología Social, n. 27, UBA, 2008.

DE ARAUJO SILVA, M. C. **A transformação da política na favela: desconstruindo a “ausência do Estado”.** *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, n. 38, 2015.

DE SANTIS FELTRAN, G. **Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana.** *Revista de antropologia*, p. 565-610, 2010.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

MAGNANI, J.G.C. **A antropologia urbana e os desafios da metrópole.** *Tempo Social*, v. 15, n. 1, p. 81-95, 2003.

_____. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2006.

_____. **Etnografia como prática e experiência.** *Horizontes antropológicos*, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MELLO, S. **Osório Futebol Clube – Pelotas (RS).** A enciclopédia do futebol da na internet, 2 mai. 2012. Online. Acessado em 11 ago. 2017. Disponível em: <http://cacellain.com.br/blog/?p=31812>

PEIRANO, M. **Etnografia não é método.** *Horizontes Antropológicos*, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

PERROT, M. **Maneiras de morar.** IN: PERROT, Michel (org.) *História da Vida Privada. Da Revolução francesa à Primeira Guerra.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989-2006. PP. 307-323.

RAGO, M. **A Desodorização do espaço urbano.** In: *Do Cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Pp. 163-206.

ROCHA, M. **Arqueologia da Escravidão e Patrimônio Cultural no Passo dos Negros (Pelotas, RS).** (Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas). Pelotas, 2014.

SOILO, A. **Margens, tecnologias de controle e (i)legibilidades: etnografia sobre a produção do estado e do comércio popular no camelódromo de Porto Alegre.** 2015. (Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Porto Alegre, 2015.